

# O que resta de Bolívar?

Sem Chávez e com o petróleo desvalorizado, a receita do internacionalismo “bolivarianista” não está a funcionar na Venezuela. A revolução do “libertador” parece estar moribunda num país onde a conflitualidade urbana está à espreita.

**DAVID SANTIAGO**

[dsantiago@negocios.pt](mailto:dsantiago@negocios.pt)

# S

imón Bolívar tinha um sonho: libertar a América Latina. Conhecido como “o George Washington” da América do Sul, este herói das guerras contra o Império Espanhol queria unificar os países latino-americanos, criando uma entidade pan-americana capaz de rivalizar com os Estados Unidos da América. E caminhar para uma sociedade justa e igualitária. Este sonho de Bolívar, nascido no final do século XVIII, seria tentado na Venezuela quase dois séculos depois. Mas esta “revolução bolivariana” vive um clima moribundo. Para muitos, o regime bolivariano instaurado por Hugo Chávez aproxima-se do fim. Poucos acreditam que o socialismo de tipo “chavista”, prosseguido pelo presidente Nicolás Maduro, possa sobreviver num país que caminha perigosamente para o colapso económico e político.

Foi depois da aprovação de uma nova Constituição (1999) que o então recém-eleito presidente Chávez instaurou a República Bolivariana da Venezuela, uma homenagem ao legado de Simón Bolívar. O regime “chavista” financiou o “bolivarianismo” com recurso ao dinheiro jorrado pelas maiores reservas petrolíferas mun-

diais, e recorrendo à atribuição de subsídios vários, ao controlo de preços, a expropriações e a regalias para o sector militar. Tal como Bolívar, o “libertador”, também o tenente-coronel Hugo Chávez identificou um inimigo externo – os Estados Unidos e o seu imperialismo capitalista filho da Doutrina Monroe – de forma a promover a unidade entre os países da América Latina, apoiando, financeira e diplomaticamente, regimes como o de Cuba, da Bolívia e da Nicarágua. Mas o “chavismo” e o internacionalismo “bolivarianista” sem Chávez e com petróleo desvalorizado não são a mesma coisa.

Para Andrés Malamud, professor do Instituto de Ciências Sociais (ICS) e especialista em assuntos relacionados com a América Latina, “o ‘chavismo’ foi resultado de carisma com petróleo caro, e as duas coisas acabaram”. Além do carisma, Hugo Chávez beneficiava da lealdade dos militares que, agora, perante o deteriorar da situação financeira do país, e a consequente perda de benefícios, se vão afastando do “madurismo”. No fundo, a acentuada desvalorização do preço do petróleo veio apenas destacar as debilidades de um regime baseado na extracção de recursos, que não conseguiu aproveitar as receitas petrolíferas para diversificar a economia. Segundo Bernardo Pires de Lima, investigador do Instituto Português de Relações Internacionais (IPRI), “a falência do ‘chavismo’ assenta num modelo económico errado, insustentável, de trincheira social, clivagem política permanente e com as forças armadas na retaguarda”.

“A Venezuela é um país social, política e economicamente quebrado”, sentencia Malamud. Não está a “usar metáforas”. O dia-a-dia vivido na Venezuela é feito de lutas constantes para fazer face à escassez de alimentos e medicamentos. Uma reportagem recente do The New York Times denunciava o número cada vez maior de mortes de crianças e recém-nascidos nos hospitais venezuelanos devido à falta de medicamentos e de pessoal. Um estudo universitário, citado pela The Economist, refere que, actualmente, 76% dos venezuelanos vivem abaixo do limiar da pobreza, percentagem que compara com os 55% verificados em 1998, um ano antes de Chávez chegar ao poder. Ou seja, depois dos anos dourados em que o “chavismo” tirou milhões de pessoas da pobreza, chegou a tormenta de uma receita falhada. Chávez não seguiu o conselho do presidente da Bolívia, Evo Morales, que apostou numa economia diversificada e na inclusão social: “Não podes continuar a dar tantos subsídios (...) Para manter a ideologia, tens de assegurar que [as pessoas têm] alimentos”. “Ou há uma mudança pela lei, e com o mínimo de paz social, ou uma ruptura violenta com desprezo pela lei e pelos mecanismos democráticos”, aponta Pires de Lima. Este investigador teme “que a primeira venha a ser subjugada pela segunda”.

A agravar a situação, surgiu a seca provocada pelo fenómeno climático El Niño, a maior das últimas décadas, que provocou a quase total inoperância das centrais hidroeléctricas. Em consequência, e para poupar energia, o governo chefiado por Maduro reduziu a semana de trabalho da função pública para dois dias e determina, diariamente, cortes no abastecimento energético e de água que se prolongam por várias horas. Já o adiantar da hora em 30 minutos, para um melhor aproveitamento do sol, é ilustrativo do desespero. E, em relação à economia, depois da contracção de 10% e da inflação superior a 100% em 2015, o Fundo Monetário Internacional (FMI) prevê, para este ano, uma recessão de 8% e uma subida dos preços de 720%. Para compensar o crescente défice orçamental e as reservas minguantes, ao banco central venezuelano tem restado ligar as rotativas e imprimir novas notas. Enquanto isso, a ida às prateleiras dos supermercados deu lugar a um mercado alimentar paralelo cada vez mais corrente e o número de crimes violentos não cessa de aumentar. Confrontados com esta realidade, mais de dois terços dos venezuelanos defendem o afastamento de Maduro.

## UM PRESIDENTE PRESO POR FIOS

Se é verdade que o sucessor designado por Chávez nunca granjeou de grande popularidade, o deteriorar das condições económico-sociais fez o resto. Não foi, portanto, com surpresa que se verificou o resultado das eleições parlamentares de Dezembro último, em que a Mesa de Unidade Democrática (MUD), coligação de correntes de oposição a Maduro, alcançou uma maioria qualificada de dois terços. No entanto, a complexa situação do país levou Maduro a decretar, logo em Janeiro, o “estado de emergência económica em todo o território nacional”, o que reforça os poderes presidenciais em matéria securitária e de despesa orçamental. E, já em Maio, Nicolás Maduro prolongou a emergência económica por mais 60 dias, uma decisão contestada pela oposição, mas imediatamente